

# A METAFICÇÃO NO CONTO "O ALEPH", DE JORGE LUÍS BORGES

PATRÍCIA PILAR FARIAS\*

MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES\*\*

**RESUMO:** O presente artigo dedica-se ao estudo do conto "O Aleph", de Jorge Luís Borges, que narra representações do universo capazes de transcender as interpretações do mundo empírico. A pesquisa analisa a metaficção no texto a partir da relação com o fantástico. O trabalho apoia-se nas contribuições de Gustavo Bernardo (2010), Patricia Waugh (1984) e Tzvetan Todorov (1981). Com o estudo foi possível perceber que as representações da metaficção acontecem por meio de um labirinto de palavras que conduzem o leitor a várias possibilidades de significações e ressignificações para o Aleph.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jorge Luís Borges; O Aleph; Metaficção; Real maravilhoso.

## THE METAFICTION IN THE SHORT STORY "THE ALEPH", BY JORGE LUÍS BORGES

**ABSTRACT:** The following work is dedicated to the study of the short story "The Aleph" by Jorge Luis Borges, which narrates representations of the universe that are capable of transcending the interpretations of the empirical world. The study analyzes metafiction in the text according to the relation with magic realism. This work is based on the researches of Gustavo Bernardo (2010), Patricia Waugh (1984) and Tzvetan Todorov (1981). Conforming the study it was possible to perceive that the representations of metafiction arise through an labyrinth of words that leads the reader to a high number of possibilities to conceptualize and reconceptualize Aleph.

**KEYWORDS:** Jorge Luís Borges; Aleph; Metafictio; Magic realism.

\*Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) / Bolsista pela CAPES- (PPGEL). *E-mail:* pattivida@gmail.com

\*\*Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). *E-mail:* suelopes152@hotmail.com

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ponto de partida deste artigo é a análise do conto “O Aleph”, de Jorge Luís Borges. Para tanto, utilizamos o aporte teórico desenvolvido por Gustavo Bernardo e Patricia Waugh, em relação ao conceito de metaficção que cada um apresenta e julgamos significativo para o modo como se pode ler a construção da narrativa. Em seguida, relacionamos à proposta dos teóricos mencionados acima ao conceito do real maravilhoso, para, assim, reforçar o enredo metaficcional presente na obra.

Antes de adentrar no conto, faz-se necessário algumas considerações a respeito de Borges. O autor sempre foi um ser humano incomum: com apenas 7 anos escreveu seu primeiro conto e com 9 anos de idade traduziu textos do britânico Oscar Wilde para o espanhol. Passou a adolescência na Europa e retornou para a Argentina aos 20 anos e, quando voltou, começou a publicar sua obra. Escreveu contos, romances, poesias, ensaios e crítica literária, além de traduzir grandes obras – como as de Kafka – para o espanhol.

O conto “O Aleph” pode proporcionar ao leitor a compreensão da interligação do homem com o mundo. Este texto foi publicado pela primeira vez na revista Sur em 1945: uma revista literária fundada em 1931 pela escritora Victoria Ocampo. No ano de 1949, foi lançada uma coletânea de contos intitulada *O Aleph*, e essa compilação traz 17 contos: “O imortal”, “O morto”, “Os teólogos”, “História do guerreiro e da cativa”, “Biografia de Tadeo Isidoro Cruz”, “Emma Zunz”, “A casa de Astérion”, “A outra morte”, “Deutsches Requiem”, “A busca de Averbóis”, “O Zahir”, “A escrita de Deus”, “Abenjacan”, “O bokari”, morto no seu labirinto”, “Os dois reis e os dois labirintos”, “A espera”, “O homem no umbral”, e, finalmente, “O Aleph”. As narrativas permeiam o fantástico, o alegórico e o maravilhoso. Os assuntos que circulam a obra são os mais diversos como: a imortalidade, o tempo e a religião. Os contos não têm relações diretas por mais que em algum momento seja possível interligá-los e construir possíveis comparações.

Tentar compreender as obras de Borges requer um desprendimento físico e mental. Suas narrativas são capazes de teletransportar os leitores para mundos diversos, como se cada conto constituísse um portal. E fala-se em meios de teletransportação, no sentido de ir além do espaço físico da leitura, visualizar e contemplar a obra *O Aleph* como um portal que dá acesso a vários outros portais. E o ponto que possibilita essas transmutações é a ciclicidade que o livro possui, pois, o nome do livro é o mesmo do conto que encerra o livro, podendo revelar para o leitor uma espécie de portal no qual começo e fim fundem-se.

As obras de Borges requerem uma leitura cautelosa, afinal, a linguagem é muito carregada de detalhes no que diz respeito às inúmeras referências que ele traz no texto, como por exemplo, ele cita filósofos, mitos e histórias bíblicas, como se estas fossem familiares ao leitor, o que exige uma atenção dobrada.

O encantamento que Borges causa ao leitor é devido às possibilidades de temas abordados em suas narrativas, tais como a imortalidade e o tempo, um labirinto, no qual tenha-se infinitas possibilidades de caminhos que levam a diversas contemplações dos desejos humanos. O mundo apresentado será considerado como um simulacro, uma representação da ciclicidade temporal.

O livro *O Aleph*, em seu contexto, possibilita ao leitor percorrer pelas camadas de desejo

da vida sendo representado de uma forma que contempla as leis físicas que compõem o mundo material e também percorre o meio fantástico e nesse sentido fornece caminhos para que o leitor não desacredite nos fatos ali presentes permitindo assim que a realidade e a fantasia tornem-se misturas homogêneas capazes de entorpecê-lo e provocar o êxtase que é a metaficção borgeana.

A metaficção em Borges e, em especial, no conto "O Aleph", apresenta-se como um labirinto enigmático que provoca o desejo de ir mais e mais por um caminho ambíguo de múltiplas interpretações, assim como afirma Magritte (2001) a respeito da metaficção ter o caráter de enigma de teor ambíguo que instiga o leitor a sempre querer ir mais longe para tentar desvendá-lo. Pensar no portal Aleph como um labirinto é associá-lo à concepção de criação da memória textual, ou seja, ele enquanto abismo visual faz o leitor participar da produção artística e brincar com as possibilidades de construção semântica estrutural. E compreendendo o leitor como parte do contexto da construção ficcional é possível reflexionar sobre: "a metaficção é uma ficção que não esconde que o é, mantendo o leitor consciente de estar lendo um relato ficcional, e não um relato da própria verdade" (2010, p. 42). Partindo da assertiva de Bernardo é concebível pensar na narrativa como um labirinto de infinitos caminhos.

## O ALEPH

O conto, narrado em primeira pessoa por Borges, inicia com a descrição de Beatriz Viterbo, uma mulher que o esnobava e que morrera em fevereiro de 1929. Para sentir-se mais próximo da amada, por doze anos ele passa a visitar a casa onde Beatriz morava. As idas aconteciam no dia 30 de abril, que é o aniversário dela

Beatriz Viterbo morreu em 1929; desde então, não deixei passar um 30 de abril sem voltar à casa dela. Costumava chegar às sete e quinze e ficar uns vinte e cinco minutos; todo ano aparecia um pouco mais tarde e ficava um pouco mais; em 1933, uma chuva torrencial me favoreceu: tiveram de me convidar para jantar. Não desperdicei como é natural, aquele precedente; em 1934, apareci, já depois das oito, com um alfajor de Santa Fé; com toda a naturalidade, fiquei para jantar. Assim, em aniversários melancólicos e inutilmente eróticos, ouvi as graduais confidências de Carlos Argentino Daneri (BORGES, 2008, p. 137).

Aos poucos, a relação entre o narrador-personagem e Carlos Argentino, primo de Beatriz, se intensifica. Entretanto, esta é permeada por um misto de inveja e admiração, visto que as descrições de Carlos Danieri estão encobertas por sentimentos de repulsa, ciúme e despeito.

Carlos Argentino é rosado, robusto, encanecido, de traços finos. Exerce não sei que cargo subalterno numa biblioteca ilegível dos subúrbios do Sul; é autoritário, mas também ineficiente; aproveitava, até há bem pouco, as noites e as festas para não sair de casa. A duas gerações de distância, o "esse" italiano e a abundante gesticulação italiana sobrevivem nele. Sua atividade mental é contínua, apaixonada, versátil e completamente insignificante. Excede em imprestáveis analogias e em ociosos

escrúpulos. Têm (como Beatriz) grandes e afiladas mãos formosas. Durante alguns meses, sofreu a obsessão de Paul Fort, menos por suas baladas que pela ideia de uma glória irrepreensível. "É o Príncipe dos poetas da França", repetia com fatuidade. "Em vão te revoltarás contra ele; não o atingirá, nunca, a mais envenenada de tuas setas" (BORGES, 2008, p. 138).

A convivência com Carlos é permeada de desdém e sacarmos para encobrir a admiração, afinal a implicância em relação a ele provém da proximidade que Beatriz tinha com o primo e que gerava ciúmes no narrador. Logo, é possível o desencanto provocado pela morte de Beatriz, e Carlos, de certa forma, representa um meio para se sentir próximo dela ou pelo menos da memória que ela representa.

Beatriz, a princípio, pode parecer como um ponto de distração para o leitor, porém, sua morte irá representar um caminho para o narrador-personagem percorrer o labirinto que é a vida e se deparar com várias entradas. Uma delas é o Aleph, que servirá como portal para a compreensão da imensidão do infinito que representa os duplos, os múltiplos que permeiam a vida.

O Aleph só irá aparecer na metade do conto e é descrito como um ponto que tem a capacidade abarcar todas as coisas desse e dos outros universos possíveis. Examinemos:

O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava ali, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (a lâmina do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo. Vi o mar populoso, via a alvorada e a tarde, vi as multidões da América, vi uma teia de aranha prateada no centro de uma negra pirâmide, vi um labirinto truncado (era Londres), vi intermináveis olhos imediatos perscrutando-se em mim como num espelho, vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu, vi num pátio interno da rua Soler as mesmas lajotas que trinta anos antes vira no corredor de uma casa de Fray Bentos, vi cachos de uva, neve, tabaco, veios de metal, vapor de água, vi convexos desertos equatoriais e cada um de seus grãos de areia, vi em Inverness uma mulher que não esquecerei [...] (BORGES, 2008, p. 150).

Com isso, podemos pensar em uma configuração mítica para a construção do Aleph, pois ele representa o Ein Soph (o Sem-fim) um caráter divino, representando assim a unidade que coloca o indivíduo no centro de correntes cósmicas. Além desse caráter mítico, revela também um aspecto fabulatório da letra hebraica e a representação do Aleph enquanto metáfora possibilita ao leitor enveredar pelo caminho da consciência, ou seja, permite que se tenha uma amplitude da visão do eu através do contato com o portal. Tem-se também a imagem do porão, que remete analogicamente a um baú no qual podem ser guardados antigos segredos, inclusive, referente à imortalidade e ao tempo espacial. Outra imagem significativa para a contemplação do Aleph é a escada que dá a ideia de transcendência, de um acesso a algo extraordinário que parte da simbologia de uma letra que remete ao infinito.

Para sintetizar a experiência com a relação de infinidade, recorre-se à afirmação de (MONEGAL, 1980, p. 70) de que "O Aleph é um duplo perfeito do mundo e, portanto, o apaga por completo, fazendo com que esta realidade seja a fonte de onde o escritor retira outra realidade, a de seu trabalho com a linguagem" Dessa forma, é possível pensar no duplo como símbolo

da imortalidade. Ressaltando que o duplo, ao mesmo tempo que é revelador, pode amedrontar aquele que se depara com ele; logo, o contato com o Aleph proporciona essa revelação do mundo e do homem. A sensação de apreensão da totalidade do mundo por meio do portal permite a sensação de imortalidade ao se perceber como ser presente em mundos paralelos que conversam, assim, retomando o que já foi dito no texto a respeito da representação do mundo real como um simulacro, pois os acontecimentos descritos ao entrar em contato com o portal é uma simulação de vários espaços que estão interligados.

O duplo apresenta a condição humana pelo viés espelhado no qual a imagem apresentada revela dois seres ou duas imagens de si mesmo. E pensar no duplo como um fator de imortalidade é compreender que ele está ligado ao desejo de sobreviver à morte. No excerto abaixo (BRAVO, 1998, p. 263) apresenta a relação do duplo com a morte:

Mas o duplo está ligado também ao problema da morte e ao desejo de sobreviver-lhe, sendo o amor por si mesmo e a angústia da morte indissociáveis. Visto sob essa perspectiva, o duplo é uma personificação da alma imortal que se torna a alma do morto, ideia pela qual o eu se protege da destruição completa, o que não impede que o duplo seja percebido como um “assustador mensageiro da morte”, do que a resulta a ambivalência de sentimentos a seu respeito (interesse apaixonado/terror): ele é ao mesmo tempo o que protege e o que ameaça.

A ambivalência do duplo traz para o contexto a percepção da imortalidade do que é almejado pelo ser humano e em contrapartida tem-se a morte que causa aflição. É através do Aleph que as confluências entre essas duas esferas fazem com que o homem possa se perceber como um ser caminhado para a compreensão da imortalidade e da possibilidade da morte como um fato.

Se a visão do Aleph é simultânea, quando a transmitimos o fazemos pela sucessão que as leis da linguagem permitem. O mesmo ocorre com o sonho. Ao acordar perde-se a experiência do sonho e ganha-se a experiência da linguagem, que é sempre oca, faltante e insuficiente para dizer o Aleph é “esta, a coisa, nós só a colonizamos com a linguagem e, conseqüentemente, a perdemos” (MARTINS, 2009, p. 36). Ao pensarmos na criação da linguagem para a tentativa insuficiente a descrever o Aleph, podemos então compreendê-la como um processo de transformação que recria os mundos através das multiplicações linguísticas.

## **O REAL MARAVILHOSO EM “O ALEPH”**

Antes de falar sobre o real maravilhoso faz-se necessário compreender a questão do fantástico, pois em primeiro instante pode haver uma confusão de conceitos, pois o conto possui aspectos que contemplam característica que podem ser incluídas no fantástico maravilhoso, contudo a presença de um número maior de características do real maravilhoso faz com que essa dúvida seja suspensa. Com isso, o fantástico maravilhoso é, em linhas gerais, a aceitação dos eventos sobrenaturais na narrativa, o que sugere realmente a existência do sobrenatural (TODOROV, 2004). Portanto pode-se associar esse elemento sobrenatural ao Aleph que, em um primeiro instante, causa hesitação no narrador-personagem, porém, em um determinado

momento, passa a aceitá-lo, lembrando que a estranheza não consiste no fato de não acreditar simplesmente na existência do mesmo, mas em negar e aceitar sua presença.

El “realismo maravilloso” descansa sobre una estrategia fundamental: desnaturalizar lo insólito, es decir, integrar lo ordinario y lo extraordinario en una única representación del mundo. Así, los hechos son presentados al lector como si fueran algo corriente y el lector, contagiado por el tono familiar del narrador y la falta de asombro de éste y de los personajes, acaba aceptando lo narrado como algo natural (ROAS, 2001, p. 12).

Com isso podemos pensar no realismo maravilhoso como meio para a não ruptura entre os planos, pois eles pertencem a uma mesma instância do texto. O discurso realista maravilhoso, por não apresentar essa disjunção, será construído como um local plural de convergência. Retomando ao raciocínio da compreensão do texto, vemos que a princípio o narrador-personagem revela que o Aleph seria mais um devaneio de Carlos Argentino e isso faz com que a narrativa tome outras proporções e, nessas modificações, que possibilitam amarrar os fios desconexos, a princípio (fala-se isso mediante a visão de leitor sobre o contexto de resinificar a narrativa) cedendo lugar para o real maravilhoso.

Carpentier (1987) criou o conceito de “real maravilhoso” para atribuir uma relação mais ampla para a realidade latino-americana, pois, para ele, o maravilhoso é responsável por caracterizar a realidade e aparece como algo inesperado aos acontecimentos do dia a dia, tornando o cotidiano por vezes estranho, ainda que não traga surpresas.

A narrativa do conto acontece na casa do primo de Beatriz, em um ambiente que caracteriza uma realidade cotidiana. O ponto de partida para adentrar ao real maravilhoso acontece na escada do porão da casa de Carlos Argentino, que convida o narrador para contemplar o Aleph. O narrador, porém, com alta carga de ceticismo, desacredita da existência do Aleph. Ao vê-lo, a dúvida toma conta da narrativa: leitor e personagem “participam” dessa dúvida, acreditando na possibilidade da existência de um “ponto para onde convergem todos os pontos” (BORGES, 2008, p. 152).

O evento que caracteriza o incomum, o sobrenatural que representa meios para se pensar em real maravilhoso, é a presença do Aleph, que remonta à infinitude do universo, que é dotada de valores simbólicos que transcendem a interpretação de um mundo empírico de escritores e principalmente dos leitores. A presença do Aleph gera um estranhamento nas personagens e no leitor.

Conforme o fragmento abaixo, é possível pensar na realidade existencial do Aleph como algo que representa o real maravilhoso. Examinemos:

o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação não habitual ou particularmente favorecedora das desconhecidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com especial intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que o conduz a um modo de “estado-limite” (CARPENTIER, 1987 p. 40).

Para Carpentier (1987), o “maravilhoso” pode ser visto em meio às coisas comuns que compõem a realidade. A percepção do maravilhoso pode se dar em qualquer espaço e em qualquer tempo, desde que o leitor tenha “fé” no “milagre” que emerge da realidade. Compreendendo que um dos meios que moldaram as reflexões sobre a mimese literária foi a de que o processo de tentativa de representação dos elementos que compõem o que nomeamos como realidade colabora no desenvolvimento de construção narrativa e com isso podemos pensar no conto “O Aleph” como uma narrativa que apresenta elementos que compõe essa realidade frente à acontecimentos que fogem do padrão natural do contexto da realidade.

Podemos entender o desenvolvimento do realismo maravilhoso por dois campos espaciais no que diz respeito à produção do texto: o do plano real e o do plano sobrenatural. Compreendendo que esses dois caminhos servem como ilustração para um melhor entendimento, visto que não se pode delimitar de forma precisa. Sendo assim entenderemos o mundo textual como um espaço de fluxo e de encontro desses dois aspectos.

O real maravilhoso contempla a realidade e um fator que altera o meio em que ela é projetada, em “O Aleph” é esse algo inesperado que modificará a realidade mesmo que o narrador depois de um tempo queira esquecer a experiência sobrenatural vivida ao contemplá-lo.

A concepção do real maravilhoso na narrativa auxilia a assimilar a sua construção, possibilitando assim ao leitor uma visão mais direcionada e, sobretudo, ter a possibilidade de desenvolver a metaficção pela ótica de outro viés: a característica do sobrenatural na obra a partir de uma representação da realidade por meio da linguagem.

## **A CONSTRUÇÃO DA METAFICÇÃO NO CONTO “O ALEPH”**

A metaficção recebe algumas denominações para tratar a própria ficção que são: literatura de exatidão, narrativa metaficcional, narrativa autorreflexiva, narrativa narcisista, antirromance e pós-modernismo. Para compreender melhor o que seria essa metaficção, faz-se necessário apresentar alguns conceitos para uma melhor compreensão da estrutura do conto. Segundo Hutcheon, a metaficção é uma narrativa “autorreferencial ou autorrepresentacional: ela fornece, dentro de si, um comentário sobre seu próprio status como ficção e como linguagem, e também sobre seus próprios processos de produção e recepção”. Com base no que Hutcheon (1991) escreve, é possível compreender a relação metaficcional no conto a partir da relação do processo de produção, logo quando o narrador fala de Beatriz e de Carlos Argentino, revelando assim autorreferencialidade, ou seja, faz referências as suas percepções a respeito de si mesmo e das características atribuídas a Beatriz e a Carlos.

Outro conceito é apresentado por ParaWaugh (1984), que trabalha a metaficção como algo autoconsciente, estabelecendo a correspondência entre a ficção e a realidade e também fora do texto literário, como podemos verificar a partir do excerto abaixo:

Metaficção é um termo dado à escrita ficcional que autoconscientemente e sistematicamente chama a atenção para seu *status* como um artefato, a fim de colocar questões sobre a relação entre ficção e realidade. No fornecimento de uma crítica de seus próprios métodos de construção, tais escritos não só examinam as estruturas

fundamentais da ficção narrativa, eles também exploram a possível ficcionalidade do mundo fora do texto literário ficcional (WAUGH, 1984, p. 02).

Fundamentado nesses dois conceitos, podemos pensar a narrativa de Borges em seu caráter autorreferencial quanto o narrador desenvolve suas perspectivas em relação a Beatriz e a Carlos Argentino, como pode ser frisado com o fragmento a seguir que possibilita compreender essa dimensão entre a vinculação triangular, não no sentido amoroso propriamente dito, mas na perspectiva que as conexões afetivas desenvolvidas requerem esse triângulo para se configurar a autorrevelação.

Ao analisar as características de Beatriz e Carlos o narrador possibilita ao leitor compartilhar a autorrevelação e faz compreender que a presença deles é um ponto relevante que desvela o conflito amoroso.

Para Gustavo Bernardo (2010, p. 9), a configuração autorreflexiva que a narrativa assume, confere que a metaficcionalidade seria “um fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou contendo a si mesma”. Destarte, é possível pensar nos eventos linguísticos e extralinguísticos como meios para promover a desvelação da narrativa tanto para o narrador-personagem quanto para o leitor que se envolve com cada descrição feita por Borges. Lembrando que o leitor é de fundamental importância para que o discurso literário se torne completo.

A metaficção examina convenções do realismo maravilhoso para propiciar a autorreflexão possibilitando assim, transitar nos vários mundos fictícios que ela pode ressemantizar, logo:

A metaficção não abandona o “mundo real” em nome dos prazeres narcisistas da imaginação. O que ela faz é reexaminar as convenções do realismo, a fim de descobrir – através da sua própria autorreflexão – uma forma ficcional que seja culturalmente relevante e compreensível para os leitores contemporâneos. Mostrando-nos como a ficção literária cria seus mundos imaginários, a metaficção nos auxilia a compreender como a realidade cotidiana é igualmente construída, igualmente “escrita” (WAUGH, 1984, p. 18).

Nessa dimensão é que se compõe a possibilidade de mundo da obra borgeana, por meio de um ponto cotidiano da realidade que abre um leque de portas para interpretações da presença do Aleph na narrativa. E ainda como esse artefato real maravilhoso contribui para a autorrevelação do narrador e do leitor para a contemplação da vida, além do que está escrito na obra. Waugh (1984) assevera que Romances metaficcionais tendem a ser construídos com base em uma oposição fundamental e sustentada: a construção de uma ilusão ficcional (como no realismo tradicional) e o desnudamento dessa ilusão. De outra maneira, o menor denominador comum da metaficção é, simultaneamente, criar uma ficção e fazer um comentário sobre a criação dessa ficção.

Os dois processos são mantidos em uma tensão formal que rompe com as distinções entre ‘criação’ e ‘crítica’ e as associa aos conceitos de ‘interpretação’ e ‘desconstrução’ (WAUGH, 1984, p.6). Ou ainda, a metaficção, além de comentar criticamente os processos de construção da obra literária, ela possibilita vários desdobramentos analíticos, uma vez que o realismo



maravilhoso sugerido nesta leitura como temática, consiste em ser um. Os desdobramentos podem ser multiplicidades de leituras como uma série infinita de *babushkas* que são bonecas tchecas que se encaixam umas dentro das outras. Pensar a metaficção como um recurso estético é relacioná-la com a intertextualidade e com a metalinguagem, com isso: “O autor metaficcional é altamente consciente de um dilema básico: se ele ou ela se propõe a representar o mundo, ele ou ela percebe rapidamente que o mundo como tal não pode ser representado. Na ficção literária é possível representar apenas os discursos desse mundo.” (WAUGH, 1984, p. 3).

Conforme foi dito acima por Waugh (1984) o discurso metaficcional consegue representar o mundo não como é de fato, porque não há essa possibilidade, uma vez que são os discursos a respeito desse mundo que serão apresentados. Nessa ótica, Borges, através da narrativa, traça meios para representar o mundo real sem que pareça uma representação mimética, mas sim um discurso que permeia a realidade e a ficção.

Segundo Bernardo (2010), pode-se caracterizar a metaficção como uma autoconsciência irônica e de certo modo trágica. Se a partir desse conceito é possível verificar a autoconsciência para entender do começo ao fim o conto “O Aleph”, pois, o narrador-personagem mostra que ao ser tocado por Aleph, tem a visão da autoconsciência amplificada e o desejo de que isso não volte a acontecer, por ser algo tão fora do comum e por ter sido revelado por alguém que represente a cisão de uma possível realização amorosa. Assim as múltiplas narrativas dentro de narrativas proporcionam o caráter metaficcional e metalinguístico, visto que possibilitam ao leitor um leque de interpretações; afinal, o conto passeia por diversas temáticas, como se pode verificar no fragmento abaixo, que mostra a relação da vida de Borges com uma epopeia:

Uma única vez em minha vida tive ocasião de examinar os quinze mil dodecassílabos do Polyolbion, essa epopeia topográfica na qual Michael Drayton registrou a fauna, a flora, a hidrografia, a orografia, a história militar e monástica da Inglaterra; estou certo de que esse produto considerável, mas limitado é menos tedioso que o vasto projeto congênere de Carlos Argentino. Este se propunha versificar toda a redondez do planeta; em 1941, já tinha dado conta de alguns hectares do estado de Queensland, mais de um quilômetro do curso do Ob, um gasômetro ao norte de Veracruz, as principais casas de comércio da paróquia de Concepción, a chácara de Mariana Cambaceres de Alvear na rua Once de Setiembre, em Belgrano, e um estabelecimento de banhos turcos não longe do renomado aquário de Brighton (BORGES, 2008, p. 150).

O conto está repleto de intertextualidade e traz consigo a necessidade de fazer uma leitura a mais para uma compreensão ampla do texto, pois Borges consegue transformar o conto “O Aleph” em uma forma de desvelamento do ser tanto para o narrador quanto para o leitor, o que a princípio causa um certo conflito quando ele prefere esquecer da existência de Aleph e voltar para a realidade sem nada ter acontecido. É essa autorrevelação tão presente na metaficção abre caminhos para se pensar na narrativa como um espelho além de uma materialização do mundo pela linguagem, mas como um caminho a ser desvendado que pode acontecer de maneira direta ou por labirintos que às vezes não têm saída e que requerem uma capacidade de ir além da escada circular.

E o narrador-personagem termina o conto revelando o impacto que o Aleph representou e se vale da analogia da escada para revelar o caráter metaficcional, já que, em vez de prosseguir nesse labirinto infinito, ele em um primeiro momento, após o choque revelador do portal, fez com que ele desejasse esquecer de tudo e voltar ao caráter narcísico que o confortava, caráter esse que apenas revela as condições mais triviais como a morte de Beatriz ou a sua implicância com Carlos. Com o desenrolar da narrativa percebemos que o desejo de se desfazer das memórias aconteceu somente depois de algum tempo.

O fragmento abaixo corresponde ao fim da relação com aquele ponto de culminância com o infinito, com todas as possibilidades de verdade que tanto o incomodaram, por medo de não saber lidar com as inúmeras informações que foram apresentadas. Assim, o esquecimento se torna o melhor caminho:

Neguei-me, com suave energia, a discutir o Aleph; abracei-o, ao despedir-me, e repeti-lhe que o campo e a serenidade são dois grandes médicos. Na rua, nas escadarias de Constitución, no metrô, pareceram-me familiares todos os rostos. Tive medo de que não restasse uma única coisa capaz de surpreender-me, tive medo de que não me abandonasse jamais a impressão de voltar. Felizmente, depois de algumas noites de insônia, agiu outra vez sobre mim o esquecimento (BORGES, 2008, p. 160).

A metaficção em Borges é uma transmutação da poética e isso representa a relação do olhar para o realismo maravilhoso como um desdobramento para a análise da escrita borgeana. A partir desse raciocínio podemos pensar na leitura do conto como uma reconstrução das possibilidades de vivência para o homem, logo a compreensão a partir de um meio real representativo com caminhos labirínticos para a inferências de temas que pairam a vida humana e sobretudo compreender a finitude do ser diante do maravilhoso que é o universo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo foi possível verificar que o conto “O Aleph” tem características que podem ser apontadas para uma ficção que se volta sobre si mesma e que rompe com a ilusão de realidade criada pelo romance realista do século XIX e a partir dessa abertura conseguimos compreender o que foi proposto no texto, que é analisar a metaficção através do olhar do realismo maravilhoso para a compreensão da narrativa como um espaço labiríntico. Depreendendo isso, podemos perceber que a narrativa acontece por meio de um labirinto de palavras que conduzem o leitor a várias possibilidades de significações e ressignificações para o conto “O Aleph”. É através dessas inúmeras possibilidades que a metaficção ultrapassa o caráter mimético no que diz respeito à representação do mundo, afinal a construção cíclica da linguagem no texto permite ao leitor a contemplação de vários espaços e conceitos representativo do mundo.

## REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. O livro da metaficção. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010

- BORGES, J. L. O Aleph. In: BORGES, J. L. O Aleph. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre. (Org.). Dicionário de mitos literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 261- 287.
- CARPENTIER, Alejo. Do real maravilhoso americano. A literatura do maravilhoso. Tradução de Rubia P. Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Vértice, 1987.
- CARPENTIER, Alejo. Prólogo. In: El reino de este mundo. Disponível em: <[http://www.lahaine.org/amauta/b2img/Carpentier%20\(EI%20reino%20de%20este%20mundo\).pdf](http://www.lahaine.org/amauta/b2img/Carpentier%20(EI%20reino%20de%20este%20mundo).pdf) . Acesso em: 28 de novembro.2018.
- CHIAMPI, Irlemar. O Realismo Maravilhoso. Forma e Ideologia no Romance Hispano Americano. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Debates, 160)
- HUTCHEON, L. Narcissistic Narrative: The metafictional paradox. London And New York: Routledge, 1991.
- MAGRITTE, René. Ecris complets. Paris: Flamamarion, 2001.
- MARTINS, Geraldo Magela. Freud e Borges: a escrita do sonho. Rádio Dourados, MS, v. 3, n. 5, p.29-38, jan./jun. 2009, p. 01-10.
- MIRANDA, Wander Melo. Ficção Virtual. Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG / Centro de Estudos Literários, 1995. p. 13-17.
- MONEGAL, E. R. Borges: uma poética da leitura. Prefácio de Irlemar Chiampi. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- ROAS DEUS, David (Org.). Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, 2001.
- WAUGH, P. Metafiction: The theory and practice of self-conscious fiction. London New York: Routledge, 1984
- TODOROV, T. Introdução à Literatura Fantástica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

RECEBIDO EM 15/10/2019 E APROVADO EM 20/01/2020